

ENTREVISTA COM GLADYS MITCHELL-WALTHOUR¹

Marcia Tavares*
Rebeca Sobral**



Foto retirada do site da Brazilian Studies Association
<https://www.brasa.org/diretoria-e-comite-executiva/>

Gladys Mitchell-Walthour é presidenta da BRASA – Rede de Estudos sobre o Brasil, cujas pesquisas têm se concentrado na identificação racial afro-brasileira, comportamento e opinião política. Nessa entrevista concedida a Márcia Tavares e Rebeca Sobral, comenta suas impressões sobre o Programa Bolsa Família e possíveis efeitos na vida de mulheres beneficiárias afrodescendentes do programa, a partir de resultados parciais de uma pesquisa desenvolvida em Salvador, São Paulo e São Luís, cotejando-os com estudos feitos em cidades como Chicago, Milwaukee e Charlotte.

1. Fale sobre a sua formação profissional, acadêmica, pessoal.

Sou professora universitária dos cursos de política pública e economia política no Departamento dos Estudos Africana e Diáspora Africana à Universidade de Wisconsin-Milwaukee nos Estados Unidos (EUA). Realizei meu doutorado em Ciência Política na Universidade de Chicago. Recebi pós-doutorado na Universidade de Duke e Johns Hopkins. Fui uma pesquisadora visitante na Universidade de Harvard. Atualmente, estou no cargo de presidenta da Associação dos Estudos Brasileiros (BRASA).

2. O que despertou o seu interesse acadêmico pelo Brasil em comparação com os Estados Unidos?

Quando formei na Universidade de Duke, eu tinha 20 ou 21 anos, eu cursei uma aula sobre a história afro-brasileira ministrada pelo Dr. John French, e esse foi o momento que decidi estudar ou fazer um trabalho sobre afrodescendentes no Brasil.

3. Qual é a importância da BRASA – Rede de Estudos sobre o Brasil, em que a senhora é a atual presidenta, no atual cenário brasileiro?

A importância da BRASA é por esta ser uma rede, que é uma oportunidade de construir relações entre

¹Entrevista realizada por e-mail. Recebida em: 01/08/2019.

*Assistente Social. Doutora em Ciências Sociais. Professora do Curso de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA). E-mail: marciatavares1@gmail.com.

** Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia. Professora Substituta de Gênero e Relações Raciais do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo. Pesquisadora Associada do Grupo de Pesquisa A Cor da Bahia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. E-mail: rebeca.sobral@gmail.com.

pesquisadorxs brasileiroxs, europeus e americanxs. Para mim, Brasa era a primeira rede, onde eu encontrei um grande número dos pesquisadores afro-brasileiros em comparação aos congressos como a associação das ciências políticas americanas. Também, o fato de que a Brasa tem uma presidenta negra e como vice-presidente outro negro, Dr. Marcelo Paixão, significa que é uma rede que está reconhecendo as contribuições dos negros pesquisadorxs. A BRASA é interdisciplinar e isso é muito importante para melhorar suas pesquisas. Eu já fiz colaborações com pesquisadorxs brasileiroxs, americanxs e europeus porque encontrei essas pessoas na Brasa.

4. Considerando as preocupações da sua pesquisa, como você descreveria a cena do Programa Bolsa Família na Bahia?

Ainda estou analisando minhas entrevistas que não estão totalmente transcritas. Na Bahia, como nos outros estados como São Paulo e Maranhão, onde fiz entrevistas posso dizer que os benefícios ajudaram a comprar comida, merenda, e material escolar para crianças, mas não é suficiente. É difícil ganhar emprego especialmente durante essa época.

5. A Sra. fez uma pesquisa com mulheres beneficiárias do Bolsa Família (PBF) no Brasil. O que a levou a investigar o tema e escolher o Brasil, já que há outros países da América Latina que têm Programas de Transferência de Renda?

Eu já fiz pesquisas sobre opiniões políticas e comportamento político dos negros brasileiros e de políticas como ações afirmativas, mas quando eu li sobre esse debate na Ciência Política perguntando se o PBF era uma forma de clientelismo e eu vi esses ‘memes’ durante a campanha presidencial em 2014, sobre as beneficiárias de uma maneira racista, sexista e classista, eu tive interesse em fazer um projeto sobre o PBF, mas enfocando as mulheres afrodescendentes. Desde que eu já vi esse estereótipo, chama-se ‘*welfare queen*’ nos Estados Unidos, criado pelos brancos e utilizado por políticos como Ronald Reagan, que escolhi os Estados Unidos como o outro país onde eu poderia centrar as vozes das mulheres negras com baixa renda. Sim, há outros países na América Latina que têm programas de transferência de renda, mas acho que é importante estudar essas vozes das beneficiárias no

Brasil e das beneficiárias de programas para comida nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, muitas mulheres têm suas vidas muitas alienadas de políticos, e são excluídas, mas muitos cientistas políticos que estudam esses programas não estão centrando as vozes dessas mulheres negras do Brasil e dos Estados Unidos.

6. Em que Estados/capitais a pesquisa foi desenvolvida? Qual o critério de escolha adotado?

Eu fiz entrevistas nas cidades de Salvador, São Paulo, e São Luís. Escolhi essas cidades porque são diferentes em termos, pelos locais e pelas porcentagens da população negra. Também São Luís está localizado no estado Maranhão, onde tem muitas cidades com números altos de beneficiárias. Eu acho que a história dos movimentos negros nessas cidades é interessante e o impacto desses movimentos pode influenciar sobre como diferentes beneficiárias pensam sobre seus direitos em relação a esse Programa.

7. Quais as semelhanças e/ou discrepâncias na realidade encontrada nos países/capitais investigadas?

Eu ainda não tenho todos as transcrições realizadas dessa pesquisa de 2018. Eu tenho parte de Salvador e parte de São Paulo. Também fiz essas pesquisas em cidades dos Estados Unidos incluindo Chicago, Milwaukee e Charlotte. Chicago tem uma história muito forte dos movimentos negros e negros nas políticas. Charlotte está localizado no sul dos Estados Unidos e tem uma história dos negros lutando na política. Milwaukee é diferente das outras cidades, porque é extremamente racista. Historicamente e hoje é muito difícil mudar o racismo institucional, como tem muita mortalidade infantil dos negros, encarceramento dos negros, como num bairro do código da área 80 % dos homens negros eram encarcerados num ponto de suas vidas.

8. Na sua pesquisa, a partir de uma perspectiva interseccional, a Sra. investiga o grau de aprovação das beneficiárias do PBF com relação à então presidente Dilma Rousseff. Fale-nos a respeito.

Eu utilizei a pesquisa que se chama “Latin American Political Opinion Project” baseada a Universidade de Vanderbilt, eu fiz uma análise estatística sobre o grau de aprovação das beneficiárias do PBF separando os grupos por gênero e raça. Essa pesquisa não inclui uma

questão indagando à entrevistada se ela recebe o PBF, mas tinha perguntando se mora em uma família onde uma pessoa recebe PBF. Quando fiz essa análise no ano 2012, eu encontrei que as mulheres pretas que moravam em famílias com PBF havia maior nível de insatisfação com a Presidenta Dilma Rousseff. Entre as famílias onde tinha alguma pessoa recebendo BPF, vinte e cinco das mulheres pretas achavam que a Presidenta estava fazendo um trabalho ruim. Esse era o mais alto grau entre os outros grupos como homens brancos, mulheres brancas, homens pardos, etc. Eu pensei ser tão alta, porque as mulheres pretas sofrem de racismo, sexismo, classismo e colorismo, em uma maneira diferente que os outros grupos. Por essa razão elas têm o que a feminista negra Patricia Hill Collins chama uma perspectiva ‘outsider-insider’, onde mulheres pretas têm uma visão de perceber e analisar coisas numa maneira diferente que outros como homens brancos. Também feministas negras como Sueli Carneiro e Leila Gonzáles já escreveram muito sobre o fato de que mulheres negras têm diferentes experiências na sociedade brasileira por causa da interseccionalidade de raça, classe e gênero. Talvez essas experiências delas sejam a razão que elas sabem que Rousseff e o PT fizeram muitas políticas boas como ações afirmativas, e PBF, mais que sobre a brutalidade de polícia, violência, e uma melhor qualidade de educação para crianças negras? Não posso dizer que as mulheres pretas falavam e pensavam sobre essas coisas, porque é um estudo quantitativo. O que é muito interessante é que em 2014, essa descoberta mudou profundamente. Os grupos que tinham a maior satisfação com Rousseff eram mulheres pretas e homens pretos. Eu acho que esses grupos tinham mais empatia com ela por causa do sexismo contra a Presidenta.

9. Em um de seus artigos, a Sra. comenta sobre o crescimento de estereótipos durante associados aos beneficiários do PBF, quais sejam, pretos, sem educação, alienados e preguiçosos, dependentes do Governo. A que motivos a Sra. atribui tal crescimento?

Eu não posso dizer se era um crescimento desses estereótipos, mas era mais visível com a mídia social. Na campanha presidencial brasileira se sentiu diferença em relação às outras anteriores, e para mim, senti mais como as campanhas nos Estados Unidos, onde pessoas eram e são racistas abertas, como a mídia e os políticos divulgando histórias e imagens racistas e sexistas.

Quando eu vi esses ‘memes’ na mídiacuidia social sobre beneficiárias de PBF, eu pude ver que era muito semelhante das campanhas do passado, e de hoje aqui e nos Estados Unidos. Nós ainda temos esses códigos raciais ou na literatura da Ciência Política, é mais comum dizer ‘*racial priming*’, e nos Estados Unidos são utilizados pelos políticos. Por exemplo, nas eleições presidenciais em 2016 nos Estados Unidos, nosso Presidente falou sobre Chicago, como um lugar de muito crime, e hoje ele está falando que Baltimore é uma cidade suja com ratos. Essas cidades têm muitos negros, então ele está utilizando códigos raciais e racistas para falar coisas racistas, sem diretamente falar palavras racistas explicitamente. Nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 era muito disso.

10. Para algumas/uns autoras/es o PBF contribui para o alongamento do tempo social, sobrecarrega as mulheres, e, embora ajude a reduzir a pobreza, continua a reforçar estereótipos que vinculam as mulheres ao provimento de cuidados e bem-estar do grupo familiar, enquanto outras/os defendem que o PBF favorece a autonomia e o empoderamento das beneficiárias. O que revelaram os resultados da sua pesquisa?

Eu ainda não tenho todas as transcrições, então não posso falar sobre os resultados, mas posso dizer que para algumas mulheres, o PBF as ajuda além de comida, como roupa para as crianças, material escolar para as crianças, e em alguns casos as mulheres tinham oportunidades para fazer aulas ou treinamento numa área específica. O que eu posso dizer com confiança é que a definição de política deve ser mais ampla. Como muitas feministas negras já disseram, para mulheres negras sobreviverem, é uma forma de política. Nas entrevistas de 2018 nas três cidades, muitas mulheres que receberam o PBF participavam no mercado informal, como pintando unhas, porque o dinheiro de PBF é muito pouco, e elas ainda precisam cuidar de seus filhos, que é trabalho, mas sem renda. Essas mulheres estão tentando, e trabalhando muito para a sobrevivência das suas famílias.

11. Outra crítica feita ao Programa diz respeito às condicionalidades ou contrapartida. Para alguns autores, elas são instrumentos de controle, além do cumprimento dessas condicionalidades se tornarem um empecilho para a inserção das mulheres no mercado de trabalho formal. Qual a sua opinião a respeito?

Minha opinião é que comida é um direito. Os problemas do sexismo, racismo e classismo são institucionais. Então, o Estado tem uma obrigação de dar dinheiro aos cidadãos que estão sofrendo por causa dessa discriminação institucional. Eu acho que é uma coisa boa que crianças devam frequentar a escola, mas também é importante que elxs tenham escolas de qualidade, e depois tenham uma oportunidade para conseguir emprego. A dificuldade é, o racismo, classismo e sexismo institucionais dificultam escolas de qualidade e oportunidades de ter um emprego. Sem a eliminação da discriminação institucional não deve ter qualquer condição de receber o PBF.

12. Que importância a Sra. atribui à adoção de uma perspectiva interseccional (gênero, raça, classe, geração) nos estudos sobre os programas de transferência de renda?

Eu acho que é muito importante, porque há estudos sobre esse programa, mas a maioria dos pesquisadores têm um enfoque em classe, ignorando gênero e raça e as experiências únicas das mulheres pretas e pardas.

13. Qual mensagem você deixaria para as suas leitoras e os seus leitores?

Eu acho que nós devemos fazer mais pesquisas centrando mulheres afrodescendentes, especialmente nas Ciências Políticas. As pesquisas de Antropologia e Sociologia já têm essa história, mas são menos nas Ciências Políticas. Também acho que nós devemos resistir contra o racismo, classismo, sexismo e homofobia na sociedade e nas Universidades. Quando políticos falam coisas absurdas, é porque eles querem mudar o que é normal. Ao mudar o que é considerado normal será mais fácil implementar políticas extremas, como eliminando políticas como Bolsa Família. Nós devemos resistir! A luta continua!!